

O 'lobo mau' se defende

O vice-presidente do Banco Mundial, Armeane Choksi, mostra o que considera serem as atenuantes da atuação da criticada instituição

Mais uma vez, o Banco Mundial (Bird) e o FMI, com seus programas de ajuste estrutural, foram para o pelourinho em Copenhague. Mas para o vice-presidente do Bird, o indiano Armeane Choksi, muitos dos inimigos do Banco Mundial simplesmente nunca se deram ao trabalho de examinar a atuação do banco, maior financiador individual do mundo de projetos de desenvolvimento social, com empréstimos estimados em US\$ 15 bilhões ao longo dos próximos três anos.

O Banco Mundial virou bode expiatório, porque é fácil jogar pedras, sustenta Choksi. "Recentemente, tivemos um debate público, de cerca de duas horas, com 150 organizações não-governamentais, algumas delas com posições realmente extremadas. Posso dizer que, várias vezes, o público nos aplaudiu. Há muitos e terríveis mal-entendidos sobre as nossas atividades, e há organizações sérias que, simplesmente, são mal informadas."

Choksi não nega que o Banco Mundial cometeu vários erros no passado, alguns com dramáticas conseqüências ambientais. Mas, recusa as críticas de que o Banco Mundial tem uma visão muito economicista, que considera as pessoas mais como variáveis macroeconômicas do que seres humanos. "Discordo totalmente. Somos o maior credor individual do mundo para programas de desenvolvimento social, muito mais do que as Nações Unidas ou qualquer agência bilateral. Não acho justas as acusações de que não colocamos o ser humano no centro."

O economista indiano, no entanto, não abre mão da necessidade de reforma e liberalismo da economia. "É preciso integrar os mercados; abrir os sistemas de comércio e investimento, dar os incentivos necessários, para que o setor privado funcione bem. Nossos diversos estudos mostram que, se você tiver um sistema econômico razoavel-

mente aberto, a produtividade dos investimentos em programas sociais é bem mais alta."

A crise do México, diz ele, aconteceu por causa de desequilíbrios internos e externos na economia, e não por causa do modelo de ajustamento econômico que tem sido aplicado pelo FMI e pelo Banco Mundial. "O ajustamento é um processo contínuo. Se você não administrar bem a sua economia e deixar ocorrerem estes desequilíbrios, terá que haver um ajuste. Ele pode ser voluntário, planejado e organizado, ou involuntário. Se for involuntário, pode haver um terremoto nos mercados. A lição para os países em desenvolvimento é: não relaxe. Pode levar até 15 anos, para extrair da economia todos os venenos que se acumularam ao longo de décadas."

Pelo menos num ponto, Choksi parece estar de acordo com as organizações não-governamentais que o atacam: a necessidade do corte de gastos militares. "Nossos estudos indicam que o total de gastos com defesa e armamento, nos países em desenvolvimento, é de US\$ 200 bilhões. Uma redução de apenas 1% poderia significar a educação de 50 milhões de crianças. Há, no mundo, 130 milhões de crianças sem acesso ao ensino básico. Um corte de 2,5% nos gastos militares poderia resolver este problema."

Quanto ao cancelamento da dívida dos países pobres, Choksi é cauteloso: "Precisamos olhar os números e os fatos com atenção: 61% da dívida dos países pobres são de dívida bilateral. Os empréstimos do Banco Mundial só representam 4% da dívida destes países. Não é muito. Temos bastante créditos do tipo IDA (International Development Association), com 10 anos de carência, 40 anos de prazo para pagamento. Estes países gastam 0,6% de sua receita com exportações para pagar estes créditos, o que não é tanto. Além disso temos, no Banco Mundial, uma linha de crédito de redução da dívida para os países de baixíssima renda conseguirem reescalonar sua dívida com os bancos comerciais." (Kristina Michahelles)

A lição para os países do Terceiro Mundo é: relaxe. Pode levar até 15 anos para extrair todos os venenos que se acumularam ao longo de décadas